

HENNING MANKELL

A QUINTA MULHER

TRADUÇÃO
Luciano Vieira Machado



COMPANHIA DAS LETRAS

DEN FEMTE KVINNAN © 1996 by Henning Mankell

Publicado mediante acordo com Leopard Förlag (Estocolmo)
e Leonhardt & Høier Literary Agency A/S, Copenhagen.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de
1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:

Den femte kvinnan

Traduzido da versão inglesa *The fifth woman*, de Steven T. Murray

Capa:

Elisa v. Randow

Foto de capa:

Karin Smeds. *Passenger train at railway station*, Estocolmo, Suécia.

© Karin Smeds/ Getty Images

Preparação:

Silvia Massimini Felix

Revisão:

Carmen T. S. Costa

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mankell, Henning

A quinta mulher / Henning Mankell ; tradução Luciano
Vieira Machado. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2012.

Título original: Den femte kvinnan.

ISBN 978-85-359-2099-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2.
Romance sueco I. Título.

12-04294

CDD-839.737

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.737

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

ÁFRICA — SUÉCIA
MAIO-AGOSTO DE 1993

Prólogo

A carta chegou em Ystad no dia 19 de agosto de 1993. Como trazia um selo africano e devia ser de sua mãe, ela não a abriu imediatamente. Queria lê-la num momento de paz e tranquilidade. Pela espessura do envelope, dava para ver que era alentada. Não tinha notícias da mãe fazia mais de três meses e agora devia haver muitas novidades. Deixou a carta na mesinha de centro e resolveu esperar até a noite. Sentia, porém, um ligeiro desconforto. Por que dessa vez a mãe datilografara seu nome e endereço? Com certeza a resposta estaria na carta. Era perto da meia-noite quando ela abriu a porta que dava para a varanda e sentou-se em meio aos seus vasos de flores. Era uma agradável e tépida noite de agosto, talvez uma das últimas do ano. O outono já estava próximo, rondando sorrateiramente. Abriu a carta e começou a ler.

Só depois de ter lido a carta até o fim, ela começou a chorar. Àquela altura já sabia que a carta fora escrita por uma mulher. Não apenas pela letra, havia também algo na escolha das palavras, na maneira como a mulher descrevia da forma mais compassiva possível a medonha verdade do que acontecera. Não havia compaixão. Apenas o próprio ato em si mesmo. Só isso.

A carta fora assinada por Françoise Bertrand, agente de polícia. Sua posição não era muito clara, mas ela fazia investigações criminais para a comissão central de homicí-

dios do país. Foi nessa função que tomou conhecimento dos eventos ocorridos certa noite de maio, numa remota cidade do deserto, no norte da África.

Os fatos do caso eram claros, fáceis de entender e aterrorizantes. Quatro freiras, cidadãs francesas, tinham sido assassinadas por desconhecidos, que lhes cortaram a garganta. Os assassinos não deixaram vestígios, apenas sangue; sangue espesso e coagulado por toda parte.

Mas havia também uma quinta mulher, uma turista sueca, que visitava as freiras na noite em que os assassinos apareceram com suas facas. O passaporte revelava que seu nome era Anna Ander, sessenta e seis anos, e que estava no país com visto de turista. Com o passaporte havia uma passagem de avião sem data marcada para a volta. Como o assassinato de quatro freiras já era grave demais, e como Anna Ander parecia estar viajando sozinha, a polícia, sob pressão política, resolveu não mencionar a quinta mulher. Ela simplesmente não se encontrava lá na noite fatal. Sua cama estava vazia. Em vez disso, noticiaram sua morte atribuindo-a a um acidente de trânsito e a enterraram numa cova sem identificação. Todos os traços foram apagados. E era aí que Françoise Bertrand entrava em cena. *Certa manhã, bem cedo, meu chefe ligou para mim*, escreveu ela em sua longa carta, *e me disse que fosse ao convento*. Àquela altura, a sueca já fora enterrada. A tarefa de Françoise Bertrand era destruir seu passaporte e pertences.

O objetivo era dar a impressão de que Anna Ander nunca pusera os pés naquele país. Ela deixara de existir, fora apagada de todos os registros oficiais. Françoise Bertrand achou uma bolsa de viagem, que os investigadores não tinham visto, atrás de um guarda-roupa. Dentro dela estavam as cartas que Anna Ander começara a escrever, endereçadas a sua filha numa cidade chamada Ystad, na longínqua Suécia. Françoise Bertrand desculpava-se por ter lido aquelas mensagens particulares. Pedira ajuda a um artista sueco alcoólatra, conhecido seu na capital, que lhe traduzira as cartas. Françoise anotou as traduções, leu-as

para si mesma, e pouco a pouco uma cena começou a tomar forma.

Já então sentia dor na consciência pelo que acontecera àquela quinta mulher. Não apenas pelo fato de ter sido brutalmente assassinada no país que Françoise tanto amava. Na carta, tentou explicar o que estava acontecendo em seu país, e também contou algumas coisas sobre si mesma. Seu pai nascera na França, mas, ainda criança, fora com os pais para o norte da África. Lá ele cresceu e depois se casou com uma mulher do país. Françoise, a mais velha de todos os irmãos, sempre sentia como se tivesse um pé na França, outro na África. Mas agora não tinha mais nenhuma dúvida. Era africana. E por isso se sentia atormentada pela cisão que dividia seu país. Era por isso também que não queria contribuir com os males infligidos a ela própria e ao seu país, riscando do mapa aquela mulher, chegando a negar a própria responsabilidade no que se referia à presença de Anna Ander. Françoise Bertrand começou a sofrer de insônia. Por fim resolveu escrever à filha da mulher morta e dizer-lhe a verdade. Obrigou-se a fazer isso, apesar da lealdade que tinha para com a força policial, mas pedia que seu nome fosse mantido em segredo. *Estou lhe dizendo a verdade*, escreveu ela no fim de sua longa carta. *Talvez eu esteja cometendo um erro contando a você o que aconteceu. Mas como eu poderia agir de outra forma? Encontrei uma bolsa com cartas que uma mulher escreveu à filha. Agora estou lhe contando como elas chegaram às minhas mãos e enviando-as a você.*

Françoise Bertrand pôs no envelope as cartas inacabadas e o passaporte de Anna Ander.

Sua filha não leu as cartas. Depositou-as no chão da varanda e chorou durante muito tempo. Só se levantou ao amanhecer. Entrou, sentou-se à mesa da cozinha e ficou imóvel, a cabeça completamente vazia. Mas então tudo de repente lhe pareceu simples. Deu-se conta de que durante todos aqueles anos nada fizera senão esperar. Não entendera isto até então: o fato de que estava esperando e por

que o fazia. Agora sabia. Tinha uma missão, e não precisava esperar mais para cumpri-la. Chegara a hora. Sua mãe se fora. Uma porta se escancarara.

Ela se pôs de pé e foi pegar sua caixa com tiras de papel e o grande livro que mantinha numa gaveta sob a cama. Espalhou as tiras dobradas na mesa à sua frente. Sabia que havia quarenta e três. Começou a desdobrar as tiras, uma a uma.

A cruz estava na vigésima sétima. Abriu o livro e deslizou o dedo de cima a baixo pela coluna de nomes até chegar à linha certa. Olhou o nome que lá escrevera e pouco a pouco um rosto materializou-se diante dela. Então fechou o livro e pôs as tiras de papel de novo na caixa.

Sua mãe estava morta. Agora não tinha mais dúvidas. E agora não havia como voltar atrás. Ela se daria um ano para elaborar o sofrimento e fazer todos os preparativos. Voltou para a varanda, fumou um cigarro e lançou um olhar sobre a cidade que começava a acordar. Uma tempestade se aproximava, vinda do mar.

Logo depois das sete da manhã, foi para a cama. Era o dia 20 de agosto de 1993.

SKÅNE
21 DE SETEMBRO-11 DE OUTUBRO
DE 1994

1

Logo depois das dez da manhã, ele finalmente terminou. As últimas estrofes foram difíceis de escrever; levaram muito tempo. Pretendia criar uma expressão melancólica, mas bela. Muitos esboços foram parar na cesta de papéis. Por duas vezes esteve prestes a desistir totalmente, mas agora o poema estava diante dele, em cima da mesa — seu lamento pelo pica-pau-malhado médio, que quase desaparecera da Suécia. O pássaro já não era visto no país desde princípios da década de 1980 — mais uma espécie que logo seria varrida da face da Terra pela humanidade.

Levantou-se da escrivaninha e se espreguiçou. Com o passar dos anos, tornava-se cada vez mais difícil ficar debruçado sobre seus escritos por horas a fio.

Um homem de idade não devia escrever poemas, pensou ele. Quando você tem setenta e oito anos, seus pensamentos de nada servem para quem quer que seja. Mas ao mesmo tempo ele sabia que aquilo era errado. Só no mundo ocidental as pessoas idosas eram vistas com indulgência e um certo desdém. Em outras culturas, a velhice era respeitada como uma fase de grande sabedoria. Continuaria a escrever poemas enquanto conseguisse segurar uma caneta e conservasse sua lucidez. Não tinha condições de fazer muito mais que isso. Tempos atrás, fora vendedor de carros, o mais bem-sucedido da região. Era conhecido como um negociante duro. Com certeza vendera muitíssimos carros. Nos bons tempos, tinha filiais em Tomelilla e Sjöbo. Ganhara dinheiro o bastante para se permitir viver

com certo estilo. Mas o que lhe importava mesmo era sua poesia. Os versos que estavam em sua mesa lhe traziam uma grande satisfação.

Fechou as cortinas das janelas panorâmicas que davam para os campos que, ondeantes, desciam em direção ao mar, fora de seu ângulo de visão. Aproximou-se de sua estante. Já publicara nove livros de poesia. E lá estavam eles enfileirados. Nenhum vendera mais que uma única e pequena edição. Não mais de trezentos exemplares. Os volumes não vendidos estavam guardados em caixas de papelão, no porão. Os livros eram seu orgulho e sua alegria, embora há muito tempo tivesse resolvido queimá-los algum dia. Levaria as caixas para o quintal e jogaria um fósforo sobre elas. No dia em que recebesse sua sentença de morte, fosse de um médico, fosse por meio de uma premonição de que sua vida logo acabaria, ele iria se livrar dos finos volumes que ninguém queria adquirir. Ninguém haveria de lançá-los num monte de lixo.

Olhou para os livros na estante. Durante toda a sua vida lera poemas e decorara muitos deles. Não tinha ilusões; seus poemas não eram os melhores jamais escritos, mas tampouco eram os piores. Em cada um de seus volumes, que ele publicava a cada cinco anos mais ou menos desde fins da década de 1940, havia estrofes que poderiam figurar entre as melhores. Mas ele fora negociante por profissão, e não poeta. Seus poemas não eram resenhados nos cadernos de cultura. Ele tampouco recebera prêmios literários. E seus livros foram publicados com o dinheiro do próprio bolso. Enviara sua primeira coletânea de poemas para as grandes editoras de Estocolmo. Os livros voltavam com uma breve carta padrão. Um editor se deu ao trabalho de fazer um comentário pessoal. Ninguém queria ler poemas que só falavam de pássaros. *A vida espiritual da lavandisca branca não interessa a ninguém*, escreveu o editor.

Depois disso, passou a não perder tempo com editores. Ele mesmo bancava a publicação: capas simples, sem

luxos. O que importava eram as palavras que havia entre a capa e a contracapa. Apesar de tudo, ao longo dos anos muitas pessoas tinham lido seus poemas e muitas lhe disseram ter gostado. Agora ele acabara de escrever mais um, sobre o pica-pau-malhado médio, um pássaro encantador que já não se via na Suécia.

O poeta dos pássaros, pensou ele. Quase tudo o que escrevi é sobre pássaros: o bater das asas, o voo impetuoso noite adentro, um solitário chamado para o acasalamento ao longe. No mundo dos pássaros, encontrei uma imagem reflexa dos mais profundos segredos da vida.

Pegou a folha de papel. A última estrofe estava muito boa. Pôs novamente o papel na escrivaninha. Sentiu uma dor aguda nas costas ao atravessar a grande sala. Será que estava ficando doente? Todo dia atentava para os sinais de que seu corpo começava a traí-lo. Mantivera a boa forma durante toda a vida. Nunca fumara; bebia e comia sempre com moderação. Esse regime lhe proporcionou boa saúde. Mas logo completaria oitenta anos. O fim do tempo que lhe cabia estava próximo. Foi à cozinha e, de uma cafeteira que estava sempre ligada, verteu café numa xícara.

O poema que acabara de escrever lhe causava tristeza, mas também alegria. O outono de minha vida, pensou. Um nome bem adequado. Cada coisa que escrevo pode ser a última. E estamos em setembro. É outono. No calendário e em minha vida.

Levou o café para a sala de estar e sentou-se com todo cuidado numa das poltronas de couro marrom que estavam com ele havia quarenta anos. Ele as comprara para comemorar sua vitória quando foi brindado com a franquia da Volkswagen para a região sul da Suécia. Na mesa perto do braço da poltrona estava a fotografia de Werner, o alsaciano do qual sentia mais saudade dentre todos os outros cães que o acompanharam ao longo da vida. Envelhecer era ficar solitário. As pessoas que preenchiavam sua vida morriam. Mesmo seus cães desapareciam nas sombras. Logo ele ficaria sozinho. A certa altura da vida, todos

ficam sozinhos. Há pouco tempo tentara escrever um poema sobre esse assunto, mas nunca chegava ao fim. Talvez devesse tentar de novo. Mas era sobre pássaros que sabia escrever. Não sobre pessoas. Os pássaros ele conseguia entender. As pessoas estavam no campo do imponderável. Será que chegara a entender a si mesmo? Escrever poemas sobre algo que ele não entendia seria como cometer uma transgressão.

Fechou os olhos e de repente se lembrou. “Perguntas que valem dez mil coroas”, programa de tv de fins da década de 1950 ou de princípios da década de 1960. Naquela época a televisão ainda era em preto e branco. Um jovem vesgo de cabelos negros penteados para trás escolheu o tema “Pássaros”. Ele respondeu a todas as perguntas e recebeu o cheque de dez mil coroas, uma soma incrível naquela época.

Ele não estava num estúdio de televisão, numa cabine com fones de ouvido. Estava sentado naquela mesma poltrona. Também sabia todas as respostas, nem uma vez precisou de um pouco mais de tempo para refletir. Mas não ganhou dez mil coroas. Ninguém sabia de seu vasto conhecimento de pássaros. Ele simplesmente continuava a escrever seus poemas.

Um barulho causou-lhe um sobressalto, acordando-o do devaneio. Apurou os ouvidos na sala às escuras. Será que havia alguém no quintal? Afastou aquele pensamento. Estava imaginando coisas. Envelhecer significa sofrer de ansiedade. Instalara boas fechaduras nas portas, tinha uma espingarda no quarto lá em cima e um revólver bem à mão, numa gaveta da cozinha. Se algum intruso entrasse naquela chácara ao norte de Ystad, ele tinha condições de se defender. E não hesitaria em fazer isso.

Levantou-se da cadeira e sentiu outra pontada nas costas. A dor vinha e ia embora em ondas. Pôs a xícara de café na bancada da cozinha e consultou o relógio de pulso. Quase onze da noite. Estava na hora de ir. Deu uma olhada no termômetro do lado de fora da janela da cozi-

nha e viu que fazia sete graus. O barômetro estava subindo. Uma leve brisa vinda do sudoeste passava por Skâne. As condições eram ideais, pensou. Naquela noite o voo seria rumo ao sul. As aves migratórias passariam aos milhares no alto, levadas por asas invisíveis. Ele não poderia vê-las, mas as sentiria na escuridão, bem lá no alto. Por mais de cinquenta anos passara incontáveis noites de outono em campo aberto, sentindo a travessia dos pássaros. Sempre lhe parecia que todo o céu estava em movimento.

Orquestras inteiras de pássaros canoros silenciosos iriam embora antes do inverno que se aproximava, rumando para climas mais quentes. O impulso de partir era inato, e sua capacidade de orientar-se pelas estrelas e pela gravidade da terra os mantinha na direção certa. Eles buscavam os ventos mais favoráveis; tinham procurado engordar ao longo do verão, e estavam em condições de voar horas a fio. Todo um céu noturno, vibrando com asas, estava começando sua peregrinação anual a Meca.

O que era um homem solitário e preso à terra comparado a um voador noturno? Sempre pensava naquilo como a realização de um ato sagrado. Sua missa solene outonal particular, quando ficava lá no escuro, sentindo a partida dos pássaros migratórios. E então, quando chegava a primavera, lá estava ele para dar-lhes as boas-vindas. A migração deles era sua religião.

Entrou no hall e pousou uma das mãos nos cabides dos casacos. Então voltou para a sala de estar e vestiu o colete que estava no banquinho ao lado da escrivaninha. Além de outros incômodos, envelhecer fazia com que sentisse frio mais depressa.

Mais uma vez olhou para o poema, já terminado, em cima da escrivaninha. Talvez vivesse o bastante para juntar poemas suficientes para uma nova coletânea. Já escolhera o título: *Missa solene na noite*.

Voltou para o hall, vestiu o casaco, pôs um boné na cabeça e abriu a porta da frente. Lá fora, o ar outonal cheirava a barro molhado. Fechou a porta atrás de si e deixou

que os olhos se acostumassem com a escuridão. O jardim parecia abandonado. Ao longe, ele via o brilho das luzes de Ystad. Morava tão distante dos outros vizinhos que aquela era a única fonte de luz. O céu estava quase claro e cheio de estrelas. Viam-se umas poucas nuvens no horizonte. Naquela noite a emigração deveria passar no alto de sua propriedade.

Ele se pôs a caminho. Sua chácara era velha e tinha três alas. A quarta fora destruída por um incêndio no começo do século. Gastara um bocado de dinheiro para reformar o edifício, embora o trabalho ainda não estivesse concluído. Deixaria tudo aquilo para a Associação Cultural de Lund. Nunca se casara nem tivera filhos. Vendeu carros e enriqueceu. Teve cães. Depois, os pássaros.

Não se arrependia de nada, pensou, enquanto seguia o caminho rumo à torre que ele próprio construía. Não me lamento de nada, já que lamentar-se não faz sentido.

Era uma bela noite de setembro. Mesmo assim, algo o incomodava. Parou no caminho, apurou os ouvidos, mas a única coisa que conseguia ouvir era o leve gemido do vento. Continuou a caminhada. Será que era a dor que o estava preocupando, aquelas súbitas dores agudas nas costas? A preocupação nascia de alguma coisa em seu íntimo.

Parou novamente e olhou em volta. Não havia nada ali. Estava sozinho. O caminho, em declive, ia dar numa pequena subida. Logo antes dela, havia um largo fosso sobre o qual ele construía uma ponte. No alto da subida ficava sua torre. Perguntou-se quantas vezes trilhara aquele caminho. Conhecia cada montículo, cada depressão. Ainda assim, caminhava devagar e com cuidado. Não queria correr o risco de cair e quebrar a perna. Os ossos das pessoas idosas ficam frágeis, ele sabia disso. Se chegasse a um hospital com uma fratura no quadril, com certeza morreria, pois não conseguiria ficar ocioso numa cama de hospital. Começaria a se preocupar com a própria vida. E então nada poderia salvá-lo.

Uma coruja piou. Em algum lugar próximo dali, um

ramo estalou. O som viera do arvoredo do outro lado da colina onde ficava sua torre. Ficou parado, todos os sentidos em estado de alerta. A coruja piou novamente. Depois tudo era silêncio. Soltou um resmungo e continuou.

Velho e assustado, murmurou. Com medo de fantasmas e do escuro. Agora ele já enxergava a torre. Uma silhueta negra contra o céu noturno. Mais vinte metros e estaria na ponte que cruzava o fosso profundo. Continuou andando. A coruja se fora. Uma coruja-do-mato, pensou. Não havia dúvida, era uma coruja-do-mato.

De repente, parou. Chegara à ponte que passava por cima do fosso.

Havia algo na torre da colina. Alguma coisa estava diferente. Apertou os olhos, tentando ver os detalhes na escuridão. Não conseguiu distinguir o que era. Mas alguma coisa tinha mudado.

Estou imaginando coisas, pensou. Tudo está como antes. A torre construída havia dez anos não havia mudado. É minha vista que está anuviada, só isso. Avançou para a ponte, sentiu as pranchas sob seus pés e continuou de olho na torre.

Havia algo errado, pensou. Eu seria capaz de jurar que ela está um metro mais alta que na noite passada. Ou então tudo não passa de um sonho, e estou olhando para mim mesmo de pé lá na torre.

No momento em que lhe ocorreu aquilo, percebeu que era verdade. Havia alguém no alto da torre. Uma silhueta, imóvel. Uma onda de medo lhe perpassou o corpo, como uma lufada de vento isolada. Então sentiu raiva. Alguém invadira sua propriedade e subira na torre sem lhe pedir permissão. Provavelmente era um caçador furtivo perseguindo o gamo que pastava do outro lado da colina. Não devia ser outro observador de pássaros.

Chamou a figura da torre. Nenhuma resposta, nenhum movimento. Novamente ficou em dúvida. Os olhos o estavam enganando, estavam muito anuviados.

Chamou novamente. Nenhuma resposta. Começou a cruzar a ponte.

Quando as pranchas cederam, ele caiu de cabeça para baixo. Projetou-se para a frente e nem teve tempo de abrir os braços para interromper a queda. O fosso tinha mais de dois metros de profundidade.

Sentiu uma dor terrível, que surgiu do nada e penetrou-lhe o corpo como lanças quentes. A dor era tão intensa que ele não conseguiu nem gritar. Pouco antes de morrer, percebeu que não chegara ao fundo do fosso. Permanecia suspenso em sua própria dor.

Seu último pensamento foi para as aves migratórias, em algum lugar bem acima dele. O céu deslocando-se para o sul.

Tentou se afastar da dor uma última vez. E então tudo estava acabado.

Eram onze e vinte de 21 de setembro de 1994. Naquela noite, grandes bandos de tordos e de pássaros negros de asas vermelhas voavam para o sul. Vinham do norte e tomavam o rumo sudoeste acima de Falsterbo Point, indo em direção ao calor que os esperava, muito longe dali.

Quando tudo se aquietou, ela desceu com cuidado os degraus da torre e apontou a lanterna para dentro do fosso. Holger Eriksson estava morto. Desligou a lanterna e ficou parada na escuridão. Depois se afastou depressa.